

## Apresentação

Esta seção tem três diferentes partes. A primeira traz contos virtualmente desconhecidos de dois dos mais importantes autores de 30, Rachel de Queiroz e Cornélio Penna. Nenhum deles se dedicaria ao gênero posteriormente, o que aumenta ainda mais o interesse por esses textos inéditos há mais de oito décadas. O conto de Rachel de Queiroz tira partido das formas populares dos festejos natalinos no Ceará e foi publicado apenas seis meses depois do lançamento de *O Quinze*, livro que parecera um assombro a muita gente, sobretudo por ser escrito por uma mulher tão jovem. Certamente serviu para provar que de fato havia uma pessoa de carne e osso que atendia por aquele nome – e não pseudônimo, como muitos suspeitavam. Já o conto de Cornélio Penna apareceu poucos meses antes de sua estreia no romance com *Fronteira* e com ele compartilha muita coisa. Faz até pensar – é claro que especulativamente – se não seria um capítulo cortado do romance, aquele em que se narraria a chegada do autor do diário à casa de Maria Santa.

A segunda parte tem três textos críticos que ajudam a dar uma ideia do debate estético e político no momento de auge do romance social da década de 1930. O primeiro, de Jorge Amado, é uma das únicas tentativas, ainda que breves, de definição do que seria o romance proletário brasileiro do momento. A partir de algumas considerações sobre o recém-lançado *Os Corumbas*, de Amando Fontes, ele propõe um pequeno programa, que por um breve tempo procurará seguir, de como deve ser o romance naqueles novos tempos. Em seguida, o crítico pernambucano Aderbal Jurema (1912-1986) procurará fazer uma divisão doutrinariamente mais estrita entre romance proletário e romance revolucionário. O terceiro artigo é o famoso “Excesso de Norte”, em que Octávio de Faria, dois anos depois de saudar entusiasticamente os novos romancistas nordestinos, decide declarar guerra a eles, que não escreveriam romances propriamente ditos. É um texto que vinca de vez a polarização que marcou aquele tempo. Encerra esta parte um outro texto de Jorge Amado, o prefácio de *Capitães de Areia* publicado somente na primeira edição, em parte destruída pela censura. É uma resposta incisiva ao tipo de crítica feita por Octávio de Faria à literatura social e uma demonstração de que a hegemonia do romance social já não era absoluta como fora nos quatro anos anteriores.

Quem preenche a terceira parte é Dyonélio Machado, com dois belos textos críticos apresentados por Augusto Massi.

**Luís Bueno**

## Papangús (Apólogo de Natal)<sup>1</sup>

Rachel de Queiroz

Era junto do velho muro do cemitério que o grupo de papangús do reisado se reunia. Um lugar manso, isolado, e ali podiam à vontade preparar os disfarces, acabar o arranjo do boi, mascarar as damas, vestir as saias complicadas da burrinha.

Naquela hora, porém, da missa do galo, estava vazio de comparsas o ponto de reunião. E, abandonados, na hora santa do Nascimento, o boi branco e enorme como um fantasma de pano jazia malhado nos pés imaginários, e o babau, enfeitado de fitas, encostava a queixada à cal do muro.

Ambos tinham um ar lasso de fadiga e de *spleen*. O boi, principalmente. O babau, por uma fatalidade de conformação, por mais que se aborrecesse e entediasse, tinha de mostrar, constantemente, a dentuça entreaberta, num grande riso sem lábios.

Ao toque de meia-noite, quando o sino bateu festivo, a música rompeu e os foguetes estrondaram, o boi pareceu despertar de sua modorra, exclamando para o babau garrido:

– Um ano, hein, compadre? Por que será que a gente só pode trocar ideias de ano em ano, em cada noite de Natal?

– Porque a noite é milagrosa. E você ainda se queixa?

– E por que não? Você vive então muito satisfeito da vida?

Um grande suspiro doloroso passou por entre os dentes imensos do babau velho:

– Satisfeito, eu? Então você acha que eu posso estar satisfeito, eu, que fui um cavalo de estimação, um cavalo de luxo, andar, depois de morto, emprestando a caveira pra matraca dessa canalha?

O boi enorme suspirou mais fundo:

– E eu, compadre, e eu? A você só fizeram, ao menos, articular a queixada com arame, sem mais massadas. A mim, puseram-me este corpo de varas, horrendo e disforme, este lençol a servir de couro, salpicaram-me a cara de papel de seda, pintaram-me os chifres de encarnado. Você continua a ser o que é – uma caveira de cavalo, embora com algumas fitas. E eu? Eu sou a hedionda caricatura do que fui!

O babau exclamou, amargamente:

---

1. Publicado originalmente na revista *Boletim de Ariel*, ano I, nº 4, Rio de Janeiro, janeiro de 1931.

– Pra que você fala no que se foi, compadre? Diante da miséria do presente, até faz vergonha recordar o passado...

– E diga, compadre, e diga! Quem teve um passado como eu! O boiote mais corredor desta ribeira toda... Quem me viu, quem me vê... Eu ter sido o que fui, e, agora, com a cabeça separada dos ossos, andar pregado na desgraça deste boneco de vara e pano, que é mesmo um judas de um boi... Eu, que fiz tanto vaqueiro de fama dar carreirão na caatinga brava, atrás de mim...

O babau confirmou:

– O meu finado irmão Rompe-Nuvem me falou muitas vezes em você...

Dentro de sua amargura, a vaidade do velho boi cresceu como uma bexiga soprada:

– Isso mesmo! Corremos muito, nós dois! Ah! Que tempos, compadre, que tempos! Se não me engano, foi montado no Rompe-Nuvem, correndo pra me pegar, que o velho João Assaré escangotou da pancada dum pau...

O babau, que não tinha essas velhas recordações de liberdade e boemia, interrogou:

– E você levou a vida nisso, compadre? Solto no mato?

O outro gemeu:

– Ah! Qual o quê, compadre! Um dia, em que eu andava fraco das pernas, um amaldiçoado veio e me derrubou. Botou-me a peia e a máscara e eu entrei no curral debaixo dessa vergonha...

– E depois?

– Depois, fui pra um cercado... Aí, veio o verãozão, o trato faltou, e eu, com três meses caí... Os urubus deram em mim tão depressa, que não se aproveitou nem o couro...

Seguiu-se uma pausa lenta, dolorosa. Ao cabo, o boi, mais loquaz, perguntou:

– Você foi cavalo de campo, como o Rompe-Nuvem?

O babau assumiu uns ares pretensiosos de importância póstuma:

– Eu não! Fui cavalo de sela; aliás, eu só era irmão do Rompe-Nuvem por parte de mãe. Meu pai era um garanhão raceado do capitão Zuzinha... E cavalo de sela fino. Baralha e estrada era meu natural, como se fosse campolino... Eu, sim, compadre, fiz muita proeza boa!

O boi, amavelmente, pediu:

– Conte lá, compadre, alguma...

– Alguma?... Ah, sim! Você reparou ontem numa velha, que estava olhando a vadiação, encostada na forquilha grande da latada? É a viúva do Chico Ventura. Pois aquela, meu compadre, aquela foi este criado que roubou...

O boi sorriu, com uma malícia velhaca e decrépita:

– O quê?! Você meteu-se nessas cavaliças?

– Era a cunhã mais bonita da redondeza... moção famosa! Quando ela me trepou na garupa, parecia que eu carregava uma santa no andor! Corri seis léguas! E, por sinal, quando eles entraram em casa, iam tão embebedos, que me botaram no cercado sem me dar de beber, e curti toda a noite de sede...

O boião riu:

– Foi a lua de mel...

O velho babau abanou amargamente as fitas multicores:

– E, quando acaba, a mal-afortunada, ainda ontem, quando o diabo do papangú me chegou pra junto dela, gritou furiosa: “Carrega essa dentuça de cão, excomungado!”.

– É tudo assim... Você não vê, aquele moleque Alexandre, que se criou com o leite de minha mãe?! Pois não é quem se põe debaixo deste mundéu de varas e sai comigo dançando?

O babau gemeu lamentoso:

– Desonram-nos os ossos...

E cavamente, o grande boi branco repetiu:

– Desonram-nos os ossos...

Momentos depois, o babau fixava as órbitas vazias além do muro, num túmulo novo, coberto de coroas espalhafatosas, envoltas em enormes laços roxos.

E murmurou:

– Console-se, compadre. Aquele ali, debaixo daquelas coroas todas, ainda está mais enfeitado do que você ou eu...

O imenso boi, com o espírito divinatório que a morte dá, decifrou os dizeres das letras douradas, aderidas às fitas das coroas. E, ante o cômico e estapafúrdio exagero dos adjetivos lacrimosos e das saudades eternas, acrescentou, escarninho:

– E parece que se riem mais dele do que de nós...

## Itabira, tesouro fechado de homens e mulheres<sup>2</sup>

Cornélio Penna

O caminho balançava, lentamente, e o nome de Itabira do Mato Dentro, que me esperava lá no fim, percorria a minha cabeça em longo meandro, serpenteando entre reflexões que se confundiam com as montanhas e os vales lá fora, em uma paisagem de convenção e do já dito das lembranças detestáveis da minha infância...

Reagindo, quis povoar aquele vazio enorme, que se fazia cada vez maior, para lá e para cá, dentro e em torno de mim, e só consegui inventar pensamentos ambiciosos. Senti estremecer debaixo da terra a sua riqueza adormecida, e despertaram em meu espírito os faiscadores, os bandeirantes, os pioneiros das minas, que corriam ao encontro das jazidas de gemas e dos depósitos auríferos, logo substituídos pelos ingleses e pelos americanos, e me espantei, como eles, com a riqueza sem fim do ferro e das pedras úteis.

Construí guindastes, turbinas murmurantes, polias vertiginosas, e o meu sonho espesso se transformou em rápido pesadelo, naquela tarde de modorra e de preguiçosa viagem.

Ouvi, de repente, um grito estrídulo e prolongado, composto de notas desencontradas, que me pareceu uma exclamação de surpresa e angústia nervosa.

Caíram, em segundos, todos os véus que eu mesmo corraera diante de mim; era, entretanto, o simples riso de uma menina de cabelos nos olhos e áspera expressão nos lábios, agora sérios como por feitiçaria, e que me fitava através das folhas da moita, atrás da qual se escondera para me espiar sem ser vista.

A cidade fantasma surgiu subitamente, como chamada por aquele riso, restituída ao seu verdadeiro sentido, e veio ao meu encontro, reconhecendo-me, na paisagem que se tornara também diferente, em absoluto, da outra que me fizera sofrer o caminho, desde Santa Bárbara, como um remorso e uma expiação...

– Ela é uma inocente – explicou o meu camarada, julgando que me ofendera o riso da cidade ou da menina, já não sabia bem. E, se eu lhe explicasse, por minha vez, como me era grata aquela revelação repentina do mistério de Itabira e das outras cidades que me obsedam, talvez também se risse, com a mesma dolorosa gargalhada.

---

2. Publicado originalmente na revista *Lanterna Verde*, nº 2, Rio de Janeiro, fevereiro de 1935.

As montanhas de ouro, ferro, diamantes, pedrarias de toda a sorte desmoronaram sem ruído, ocultando-se sob as ruas que se aproximavam, com suas casas teimosas e alucinadas; umas que se ergueram em um dia, mas esqueceram-se de cair, e outras de muralhas capazes de resistir aos séculos, construídas para pouso e abrigo provisórios.

Compreendi então a sua vida monstruosa de tristeza e escrúpulos contraditórios, fora da realidade do mundo, num paroxismo irremediável de inteligência e de hesitação, sempre em luta mortal e inútil consigo mesma. Senti imediatamente que penetrava bem fundo naquele ambiente de sugestão imperiosa, e que já estava muito longe, muito dentro de sua loucura concentrada e mansa.

E vi Itabira do Mato Dentro com suas irmãs chegarem de longes terras, onde a vida existe, trazidas no dorso das tropas e das bandeiras, lançadas como garras sobre as encostas das serras, ao longo das estradas, em uma festa de gritos e saúde.

Vi também os homens se lançarem, furiosos, à cata do ouro e do diamante, mergulhando terra adentro, nas minas que se abriam como chagas. Mas, devorados por elas, ficaram seus filhos, que se esqueceram da ambição paterna, e as galerias estouraram, cheias d'água ou arrebetadas pelas raízes poderosas. A cidade, que era subterrânea, veio para a flor do solo, e adquiriu uma vida mais forte ainda, no desejo desesperado de viver sem explicação e sem ganância, recalcada pela altura de sua inteligência abstrata.

A riqueza material ficou lá embaixo, e, cá em cima, Itabira do Mato Dentro é um maior tesouro guardado, um cofre de almas preciosíssimas, e assim as cidades históricas de Minas Gerais, que se fecharam, vigiadas pelo Destino, para viver pesadamente apenas a vida unida de seus filhos, marcados pelo selo da dor e do gênio incompleto.

Nenhuma delas se transformará, nenhuma poderá evoluir, fugindo à sua missão de guardadora de Homens e de Mulheres, que só nelas poderão ser verdadeiros. Transplantados, eles despertam cheios de lento terror, na compreensão da realidade nova que aparece como um milagre absurdo aos seus olhos, e aqueles que os cercarem, nesse nascimento novo, rirão por sua vez, sem perceberem que se desenrola à sua vista todo um drama de transmigração dolorosa.

A sua descida ao mundo, a sua vinda entre os animais, é sempre uma cerimônia obscura, silenciosa, que passa despercebida e indiferente, mas que revela desconhecida beleza aos que conseguem suspeitá-la...

## P.S.<sup>3</sup>

Jorge Amado

Isso seria um *P.S.* a juntar ao ensaio que eu escreveria sobre *Os Corumbas*, se eu fosse crítico literário. Mas como não sou crítico literário, vai somente o *P.S.*.

Barreto Filho lembrou aos romancistas nacionais a existência de Sergipe com a publicação de *Sob o Olhar Malicioso dos Trópicos*. Lembrou apenas, porque, se o romancista havia nascido na terra de Tobias Barreto, o romance se passava aqui pelo Rio mesmo.

A paisagem lírica de Sergipe, os seus bondinhos poéticos que matam crianças e velhos e são incapazes de fazer mal a um adulto, as suas festas, tudo isso ficou esperando que surgisse o seu evocador.

Papel que coube a Amando Fontes com *Os Corumbas*, romance de estreia. Aliás, é o que ele menos parece: um livro de estreia. Esse romance é muito trabalhado, muito bem jogado, com um grande senso de equilíbrio e o leitor desprevenido julgaria que ele fosse fruto de um romancista com alguns volumes publicados, que se fora aperfeiçoando de volume em volume, limando defeitos e tivesse dado com *Os Corumbas* o seu melhor livro. No entanto, é o primeiro apenas. Temos em nossa frente um romancista.

•

Não o classificarei nessa ou naquela escola, mesmo porque não entendo disso. Também essa questão de escola e aproximações deixo para os críticos oficiais, que têm a obrigação de descobrir intenções sutis no volume.

No entanto, quero notar uma coisa, *Os Corumbas* não é um romance proletário. Se faço essa anotação é porque várias pessoas têm me afirmando que Amando Fontes realizou literatura proletária com o seu livro.

Primeiro, acho que as fronteiras que separam o romance proletário do romance burguês não estão ainda perfeitamente delimitadas. Mas já se adivinham algumas. A literatura proletária é uma literatura de luta e de revolta. E de movimento de massa. Sem herói nem heróis de primeiro plano. Sem enredo e sem senso de imoralidade. Fixando

---

3. Publicado originalmente na revista *Boletim de Ariel*, ano II, nº 11, Rio de Janeiro, agosto de 1933.

vidas miseráveis sem piedade, mas com revolta. É mais crônica e panfleto (ver *Judeus sem Dinheiro*, *Passageiros de Terceira*, *O Cimento*) do que romance no sentido burguês. Ora, acontece que *Os Corumbas* é o romance de uma família, e não o romance de uma fábrica. Com heróis, com enredo, com as reticências maliciosas da literatura burguesa. A vida das fábricas de Aracaju, os movimentos dos operários, suas ações, tudo é detalhe no livro, tudo circundando a família Corumba. Esta, sim, é fixada e perfeitamente fixada, com todos os seus membros caracterizados, marcados traço a traço, expostos ao leitor vivinhos, trabalhados por alguém que é, de fato, romancista.

Demais, o que o romance inspira é uma imensa piedade por esses destinos, pelos operários de per si, dando ao leitor vontade de auxiliá-los. Mas, se o leitor tivesse de ajudá-los, começaria pela família Corumba, que lhe desperta piedade maior. É piedade do intelectual burguês pela miséria do proletariado. Não é a revolta do operário contra o causador de sua miséria. A literatura proletária se propõe incentivar a revolução dos oprimidos. O romance proletário deve inspirar o sentimento de revolta e de luta. Fazer do leitor um inimigo da outra classe. Comover não basta. É preciso revoltar. *Os Corumbas* comove e fará talvez que um patrão literatizado aumente o salário dos seus súditos.

O que Amando Fontes me parece ser é um escritor populista. A aproximá-lo de alguém no Brasil – lá vou eu cair nas aproximações –, lembraria Affonso Schmidt, o notável prosador paulista. A mesma piedade (se bem que no autor de *Pirapora* exista uma certa revolta), piedade de artista que tem a alma aberta a todas as dores.

•

**M**as deixem-se de lado essas coisas todas e louvemos o romance. Note-se, de passagem, a descentralização do romance brasileiro, que hoje se faz na província, especialmente no norte (José Américo, Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Barreto Filho, e com livros a publicar: João Cordeiro, Graciliano Ramos e Heitor Marçal), fugindo da capital, regressando a fixar ambientes de cidadezinhas e de roças, procurando tipos humildes e contando coisas ingênuas, interessando o brasileiro pelo Brasil.

A paisagem do livro de Amando Fontes é Aracaju, uma das mais líricas cidades do norte.

O romancista apanha os seus aspectos, as suas coisas, a sua gente, enche o seu livro todo com a poesia gostosa das festas alegres e quase infantis dos bairros da capital de Sergipe.



Não sei de estreia mais marcante do que esta. Revelação de um romancista, de um criador de vidas, de um animador de homens. Diálogos bem-feitos, cenas admiravelmente fotografadas, um mínimo de literatura para um máximo de humanidade, eis *Os Corumbas*, romance de estreia de Amando Fontes.

E, ao dobrar a última página do livro, fico a rever Aracaju, as suas praias cheias de coqueiros, os seus parques onde os casais de namorados passeiam, as suas procissões marítimas supersticiosas e bonitas (se não houver procissão de Nosso Senhor dos Navegantes, a barra fecha), os seus bondinhos sem freio, as suas novenas, toda uma paisagem que encantou os meus olhos.

Eu já fui a Aracaju duas vezes: em janeiro deste ano, num naviozinho do Lloyd, e agora, no *Os Corumbas*, de Amando Fontes.

## Literaturas reacionária e revolucionária<sup>4</sup>

Aderbal Jurema

Um dia destes, Jorge Amado falou na descentralização do romance da metrópole para a província, como eles chamam gostosamente os Estados do norte. Essa descentralização encontra a sua razão de ser na situação atual do país, que já começa a sentir as convulsões preparatórias da luta de classes. Acontece também que os motivos explorados durante os últimos dez anos pelos escritores da metrópole estão em franca decomposição. Eram os ambientes da classe alta; os dramas sexuais de determinados indivíduos numa sociedade em pleno gozo das suas faculdades físicas. Excessos e requintes de um mundo em véspera do aniquilamento total.

A decadência da literatura sem finalidade social cada vez mais se afirma no campo aberto das ideias. Os escritores da direita, menos por posição intelectual do que por formação econômica, procuram na aridez dos velhos símbolos um ponto de apoio aonde possam resistir, por mais algum tempo, à crítica cerrada dos audaciosos destruidores dessa prosaica democracia do mil-réis papel.

Não sendo o talento privilégio de classe, ainda existe, entre nós, uma forte elite reacionária que brilha mais pela inteligência do que pelas ideias de que se faz sustentáculo.

Atualmente, os valores intelectuais estão se dividindo. Já não é mais possível confundir literatura reacionária com literatura revolucionária. A literatura reacionária se caracteriza pela ausência completa de uma tese de sentido social, abrangendo a coletividade, pelo amor às tradições, aos tabus da metafísica e pelo apego ao individualismo liberal. A revolucionária remove todos os preconceitos e procura levar às massas um sentido novo da vida, que só poderá se tornar realidade com a revolta dos explorados contra a minoria exploradora e depois do triunfo integral daqueles.

A literatura da esquerda está sendo chamada impropriamente de literatura proletária. Há uma grande distância a vencer entre a literatura revolucionária e a proletária. A situação político-econômica dos países sul-americanos dá ensejo ao aparecimento de uma literatura nova, rebelada contra o sistema social vigente. Como a classe mais atingida pela exploração é a proletária, convencionou-se denominar todas as obras que narram o sofrimento dessa gente de literatura proletária. (Até o autor desta nota errou em classificar

---

4. Publicado originalmente na revista *Boletim de Ariel*, ano III, nº 8, Rio de Janeiro, maio de 1934.

o romance de Amando Fontes de proletário, quando devia tê-lo chamado de revolucionário.) Nós não estamos sob um Estado proletário nem temos proletários romancistas. Essa literatura é revolucionária porque prega a revolução, é escrita por intelectuais da esquerda e visa despertar nas massas a sua consciência revolucionária. A sua ação poderá ser exercida num ambiente operário ou mesmo no meio da pequena burguesia. O clima de um romance revolucionário poderá ser proletário ou burguês. Burguês, se o romancista se restringir a criticar um certo ângulo da classe privilegiada, movimentando ironicamente as figuras caricatas dos grandes exploradores. Proletário, quando a ação se desenvolve no meio da massa, mostrando as suas indecisões, os seus anseios e, sobretudo, a sua vida de párias da sociedade. *Cacau* e *Os Corumbas* são exemplos de romances revolucionários em ambientes nitidamente proletários. Já *Serafim Ponte Grande* vive no meio dos graúdos e Oswald de Andrade retrata irônica e revolucionariamente todos os gestos do *grand monde* em desagregação, com todas as suas fraquezas e degenerescências.

Agora, num Estado proletário, este período de transição para a sociedade sem classes, a literatura, refletindo os anseios dos trabalhadores, será proletária. Mesmo porque nesse Estado só existem trabalhadores em luta com o misoncismo econômico de uma reduzida minoria, representante do sistema derrocado. Na URSS vemos essa literatura que procura firmar na consciência popular as conquistas da Revolução. Nós, porém, ainda estamos nos preparando para ela.

Situado na corrente dos escritores da direita se encontra o romancista José Lins do Rego, um dos mais talentosos de sua classe. A sua obra literária encerra um paradoxo. Paradoxo que mais se aviva quando analisamos a técnica nova que anima os seus romances. Libertado de todas as escolas, escrevendo seus livros com uma simplicidade de linguagem encantadora e sem preocupações de vernaculismo de qualquer espécie, aceitando tacitamente a teoria de que o meio forja a personalidade do indivíduo, Lins do Rego ainda não se libertou da literatura decadente. Essa maneira de se revoltar contra os cânones da linguagem escrita imprime aos seus dois romances um tom de rebeldia e de indisciplina para com os admiradores do doutor Laudelino Freire. Mas seu espírito é o eterno enamorado dos símbolos do reacionarismo. Ele procura sempre se distanciar das coisas positivas da vida para descambar pros devaneios místicos de uma literatura esgotada e sem finalidade humana social.

Tudo isso me leva a crer que as dúvidas do menino Carlos de Mello, em *Doidinho*, são as mesmas dúvidas que hoje assaltam José Lins do Rego, quando luta para se libertar dos sedutores símbolos de uma literatura que há mais de um século vem servindo a um regime de profundas contradições econômicas e de grandes misérias morais.

## Excesso de Norte<sup>5</sup>

Octavio de Faria

Ao exagero do incharacterístico, do artificialmente criado, do que brotou fora de uma experiência pessoal profunda, do quase imitado dos exemplos europeus – que caracterizou mais ou menos o movimento modernista no Brasil –, sucedeu no terreno do romance a reação do Norte a que assistimos durante esses últimos anos, reclamando os direitos da terra, dos enraizamentos nacionais, dos ambientes condicionadores dos dramas humanos, toda uma exigência de não esquecer nunca que no Brasil o homem vive sempre num determinado lugar, numa dada zona, mesmo que se trate de capitais ou de grandes cidades. E assim, ao longo dessa variação, o movimento literário deslocou-se gritantemente do Centro para o Norte.

Não tardou, porém, que os limites dentro dos quais essa reação tinha de ser compreendida fossem completamente ultrapassados e, aos poucos, até postos de lado. E o resultado foi bem triste: uma avalanche de testemunhos vindos do Norte ou do Nordeste, todos eles se pretendendo romances, mas, na maioria dos casos, simples depoimentos sobre a mediocridade literária nacional. De modo que não resta mais dúvida hoje em dia: confundiu-se tudo, as noções que pareciam estar firmadas foram inteiramente por água abaixo. Confundiu-se romance com testemunho, com obra educacional, com geografia, com história, com propaganda (nacional ou antinacional), com pornografia, com vinte outras coisas. Escreveram-se romances, realmente? Salvo um ou outro, não creio que se possa responder que sim...

Não é possível negar: o sucesso dessa onda de pseudo-romances foi imensa – e os editores podem testemunhar... Creio mesmo que se pode dizer sem exagero que, se nós não tivemos o momento das tolíssimas “biografias romanceadas” com que os Maurois de todos os países prostituíram a literatura, tivemos, e infelizmente ainda teremos por muito tempo, o momento da geografia romanceada ou da propaganda ideológica romanceada, que são formas diversas de uma mesma subordinação do romance enquanto “romance”, obra de arte, a fins determinados, isto é: concessões, traições, não raro mesmo simples meios de prostituição literária.

---

5. Publicado originalmente na revista *Boletim de Ariel*, ano VI, nº 10, Rio de Janeiro, julho de 1935.

Desapareceu assim o romance – o romance que era o essencial de *A Bagaceira* (1928) como quase tudo em *Os Corumbas* (1933) – para só ficar o depoimento, a descrição de lugares curiosos e de flagelos, de males sociais e de explorações, como se no romance o característico pudesse tomar lugar do geral, o social do psicológico, o político do ontológico. O testemunho prestado deixou de ser testemunho do homem para ser testemunho do local, do regional, isto é, em última análise, do social e do nacional. E, a bem dizer, o herói desses romances passou a ser o Norte, quando só o homem podia ser esse herói, como, na verdade, só ele o é nos romances verdadeiramente certos que nos vieram do Norte: *Os Corumbas*, *A Bagaceira*, *João Miguel* e alguns poucos outros, entre os quais não é possível deixar de contar alguns mais recentes como *Banguê* e *São Bernardo* (que não me agradam por muitos lados, mas que, inegavelmente, devem ser considerados romances certos).

•

Foi uma invasão, quase um delírio. Os que tinham pensado que o Norte esquecerá suas funestas propensões à oratória começaram a indagar se não estavam apenas diante de uma nova forma de escoamento ou de cristalização... E foi como se se tivesse dividido a região toda em várias capitânicas para a devida exploração. Esse teria o Recôncavo, aquele as fazendas de cacau, aquele outro os engenhos, ainda aquele outro veria se conseguia tirar alguma coisa das secas. Havia um romance de sucesso sobre o cacau, outro sobre a vida das fábricas, outro sobre os diamantes. Far-se-iam novos, sobre o café, sobre a erva-mate, sobre o algodão, sobre a borracha, sobre a cana. Contar-se-ia tudo isso que vai aí esparso pelo Brasil, de Norte a Sul, tintim por tintim, sem deixar nada de esquecido, nenhum detalhe, nada mesmo. E a misteriosa sociedade de elogios mútuos de autores do Norte promoveria a propaganda. Grande programa e grande sonho que, aos poucos, vai se tornando realidade à nossa custa, pobres leitores que ainda somos enganados, que estamos ficando mais espertos, mas que ainda compramos *O Boqueirão* e *Coiteiros* porque *A Bagaceira* nos entusiasmou e esperamos do sr. José Américo de Almeida a obra de um autêntico romancista.

Na verdade, eu não tenho nada contra esse furor cívico de querer revelar “o Brasil aos brasileiros”, louvável até sob outros pontos de vista, inegavelmente, e tanto quanto se quiser... Acho apenas muito curioso que se tenha a coragem de escrever “romance” na capa desses documentários, porque os enganos não são poucos e os prejuízos às vezes bem grandes...

Quem leu, por exemplo, *A Bagaceira* e gostou, compra naturalmente *Coiteiros* e *O Boqueirão*. Lê até com certa avidez, como me aconteceu. Entretanto, muitas vezes eu já me perguntei se jamais se escreveu no Brasil insanidades maiores. Não digo tanto por *Coiteiros* – que é por demais tolo e sem colorido para irritar, espécie de filme de *far west* com *bad end* – para não parecer ingênuo – mas por *O Boqueirão*, que é seguramente dos romances mais ridículos, mais artificiais, verdadeiramente piores em todos os sentidos possíveis, que já tive ocasião de ler. Diante dele a própria *Viagem Maravilhosa*, de Graça Aranha, deixa de parecer artificial e ridícula. E os mais tolos e desenfreados desabamentos finais do papelão pintado dos estúdios de Cecil B. De Mille estão, na verdade, ainda distantes do final grotesco de *O Boqueirão*.

No entanto os dois romances de sr. José Américo de Almeida foram considerados, discutidos seriamente – admirados como grandes testemunhos sobre dois dos nossos problemas capitais: o banditismo e a yankeesação do interior. Mas o mais engraçado é que ninguém, que eu saiba, teve a ideia ingênuo, mas acertadíssima, de perguntar: por que o autor se lembrou de dizer essas coisas todas em romances? Por que não em pequenas monografias, uma vez que a única coisa que ele tem para dizer são essas magras ideias?

Mas a febre do Norte era muito forte e ninguém queria saber de indagar se existia ali – ou nos outros romances de que cuidamos – alguma coisa que se aproximasse de um romance. Situavam-se no Norte, descreviam regiões conhecidas, havia pelo menos um personagem falando sobre os nossos problemas? Então, se traziam o nome de romance, eram romances. E os livros não só se vendiam como todos os críticos falavam deles.

Enquanto isso surgiam romances e livros de interesse que passavam despercebidos porque não vinham no sentido da mania do momento. Não só não se falava deles, como não se considerava sequer que existissem. Já não me refiro a livros de poesia de importância como os dos srs. Vinicius de Moraes, Augusto Frederico Schmidt, Francisco Karam e outros, mas a romances mesmo, situados apenas, por infelicidade de seus autores, em lugares como a capital, onde o característico, o local não podia aparecer, não tendo aí grande importância, não dirigindo mais os destinos.

Ecoaram assim no vazio romances cujas reais qualidades são inegáveis. Para não falar de *Sob o Olhar Malicioso dos Trópicos*, do sr. Barreto Filho, que, na verdade, é anterior a todo esse movimento do Norte, lembro esses dois livros de qualidade bem rara no Brasil que são: *Em Surdina*, de Lucia Miguel Pereira, e *O Inútil de Cada Um*, de Mario Peixoto. Falou-se muito da obra do sr. José Américo de Almeida e da do sr. Jorge Amado, falou-se até nas estreias estonteantes dos srs. Clovis Amorim e João Cordeiro. Todo o mundo achou que estava na obrigação de saudar o aparecimento de *Banguê*. Mas ninguém leu *O*

*Inútil de Cada Um e Em Surdina* foi englobado no mesmo esquecimento de *Maria Luiza*, exatamente como se se tratasse de romances da mesma qualidade...

•

Tal foi a avalanche que nos veio do Norte querendo completar e reforçar um testemunho que, começando com *A Bagaceira*, encontrou nos *Corumbas* o seu maior momento e que já agora degenerou quase inteiramente. No entanto convém precisar um ponto para que não haja equívoco quanto ao sentido do que pretendi dizer.

Reclamando contra o exagero do testemunhal, etc., nesses romances vindos do Norte não quis absolutamente excluir o testemunho, em bem de um possível romance unicamente psicológico ou ontológico. Nem, denunciando a preocupação excessiva com o característico, procurei fazer apologia do “aéreo” (digamos assim, para caracterizar uma espécie de romance do tipo de *O Anjo*, do sr. Jorge de Lima, a meu ver a última das bobagens a que, num certo nível intelectual mais alto, é possível chegar).

Não foi, portanto, nada disso o que quis dizer. Imaginar que romances passados no Norte, com homens que vivem em determinadas regiões, assolados por flagelos, lutando cegamente pela vida, etc., etc., possam não trazer a marca desses lugares onde vivem – ou que os seus destinos assim necessariamente marcados não tenham interesse do ponto de vista do romance – parece-me igualmente errado, no primeiro caso por se negar a importância do enraizamento ao solo do homem, no segundo por se levar longe demais a “hierarquia dos assuntos” de que Daniel-Rops fala. Apenas todos esses enraizamentos têm que ser mostrados (dado que se está escrevendo romances) através do homem, enquanto elementos do destino dos homens cujas vidas estão sendo seguidas.

Pois a verdade continua sendo que no romance, se tudo não vier por intermédio do homem, não vem certo. O testemunho é sempre – ou pelo menos primordialmente – testemunho do homem. Neste como em muitos outros pontos, sirva de exemplo aos que estão hesitando ou aos que precisam da lição a excelência do último romance do sr. Lúcio Cardoso: *Salgueiro*...

No homem da capital ou das grandes cidades, o testemunho do local não importa (ou apenas de um modo especial, em certos casos). No homem do Norte é, pelo menos em grande parte dos casos, fundamental. Dessa oposição básica não podemos fugir. Tudo consiste, portanto, no romance não se deixar nunca absorver pelo testemunho, a que não pode ficar reduzido. Pois o romance é o homem e fugir a isso é negá-lo ou ignorá-lo, traí-lo ou sacrificá-lo ao documentário, à propaganda ideológica. E é errar fragorosamente.

## “Os romances da Bahia”<sup>6</sup>

Jorge Amado

Com a publicação de *Capitães da Areia* encerro o ciclo de romances que intitulei de “Os Romances da Bahia”. São seis livros nos quais quis fixar a vida, os costumes, a língua do meu Estado. Em *O País do Carnaval* é a inquietação de uma mocidade intelectual que procura, numa hora de definições, o seu caminho. Vários críticos que têm escrito sobre minha obra, naturalmente desconhecendo aquele meu primeiro romance, costumam apresentá-lo como um livro de sátira aos intelectuais brasileiros que vivem em função da literatura europeia, especialmente da francesa. No entanto não há naquele romance nenhuma intenção de sátira. Existe, sim, o desejo de focar um momento vivido pela mocidade mais ou menos intelectual ou intelectualizada do Brasil, momento em que as correntes sociais e políticas começaram a se esboçar e definir. *Cacau* pretende dar uma mostra do viver dos trabalhadores das fazendas do sul da Bahia, da sua zona mais rica. *Suor* expõe o que de mais fracassado há no Estado, criaturas que tudo já perderam e nada mais esperam da vida. Fiz com que a ação deste romance se passasse num daqueles estranhos casarões da Ladeira do Pelourinho e o fiz de propósito: não só porque num daqueles casarões (onde morei) conheci a maior parte dos personagens como porque me parece que só neste ambiente poderia o romance e os personagens do romance tomarem tons de revolta diante da sua angustiante miséria e salvar assim, com um sadio panfletarismo, o romance da inutilidade de um pessimismo reacionário ou de um misticismo falso. *Jubiabá* é a vida da raça negra no Brasil, vida de aventura e poesia. *Mar Morto*, uma nova visão da vida dos marítimos das pequenas embarcações veleiras do cais da capital e do Recôncavo. E este *Capitães da Areia* é a existência das crianças abandonadas nas ruas da capital e que partem para os mais diversos destinos, crianças que serão amanhã os homens que, possivelmente, dirigirão os destinos da Bahia.

Disse mais acima que pretendi fixar a vida toda do meu Estado. Foi realmente esta a minha intenção e eu a digo, se bem possa parecer ambição demasiada para um moço de menos de 25 anos tentar uma obra à qual ainda não se aventurara nenhum dos escritores brasileiros. Nunca houve de parte destes escritores uma tentativa honesta de fixar em romances a vida, o pitoresco, a estranha humanidade da Bahia. A Bahia é

---

6. Prefácio de *Capitães da Areia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937.



qualquer coisa misteriosa e grande como a Índia ou como certas regiões da África e das Ilhas do Sul. Isso sempre escapou aos poucos romancistas que quiseram fazer ficção tomando o meu Estado como cenário e o seu povo como personagem. Puseram-se diante desta fértil e estranha humanidade numa atitude da mais absoluta incompreensão. Eles traziam no bolso um tipo estandardizado de herói de romance (ou um moço elegante e fino de maneiras, ou um herói sertanejo analfabeto e oratório) e nunca quiseram se aproximar realmente do povo, nunca souberam dos seus costumes a não ser através de vagas informações. Nada há tão diversos que as figuras baianas dos romances que se têm escrito sobre o meu Estado e a verdadeira humanidade da Bahia. Para fazer estes meus romances (que podem ter todos os defeitos, mas que têm uma qualidade: a absoluta honestidade do autor), eu fui procurar o povo, fui viver com ele, desde a minha infância nas fazendas de cacau, a minha adolescência nos cafés da capital, as minhas viagens através de todo o Estado, cortando-o nas mais diversas conduções, ouvindo e vendo a mais bela e estranha das humanidades do Brasil.

Sempre falei em material recolhido e muitos dos donos do romance brasileiro criticaram asperamente essas palavras. Mas nesta minha série de romances sobre a Bahia eu só me dei a liberdade de inventar, de imaginar os enredos. Não quis imaginar nem os costumes do meu Estado, nem os sentimentos dos seus homens, nem a maneira como eles reagiam diante de determinados fatos. A isso, a ir ver como realmente vivem os baianos, chamo eu “recolher material”. Tenho certeza que não fiz obra de repórter, e sim de romancista, como tenho a certeza que, se bem os meus romances narrem fatos, sentimentos e paisagens baianos, têm um largo sentido universal e humano mesmo devido ao caráter social que possuem, sentido universal e humano sem dúvida muitas vezes maior que os desses romances escritos em reação aos dos novos romancistas brasileiros e que se distinguem por não aceitarem nenhum caráter local nem social nas suas páginas, romances que, no fundo, não passam de masturbação intelectual, espécie de continuação da masturbação física que praticam diariamente os seus autores.

Daí não admitir eu qualquer espécie de comparação entre os meus romances e os demais que já se escreveram sobre a Bahia. Não é uma questão de orgulho literário. É apenas a certeza de que ninguém até hoje se aventurou a olhar de frente e com tanto amor a humanidade baiana e os seus problemas. Ninguém sabe melhor da fraqueza e dos defeitos dos meus romances do que eu mesmo, que os escrevi. Mas também ninguém pode avaliar o sacrifício que eles me custaram, a honestidade que presidiu a toda a sua feitura, o desinteresse e puro amor que fizeram com que o romancista se voltasse para a sua gente.

Sei bem que essa série de romances nada tem de genial nem de maravilhoso. Obra de um jovem, ela não poderia deixar de estar cheia de defeitos. Porém nela sei que existe um sentimento que quase sempre foi esquecido nas obras de arte brasileiras: uma solidariedade absoluta, um grande amor para com a humanidade que vive nestes livros.

O romancista que, aos 18 anos, se abalou a iniciar esta obra e que hoje, aos 24, a vê concluída quer deixar bem claro aqui que a escreveu com a maior satisfação. Sabe bem que escrever no Brasil ainda é sacrifício, que fazer literatura neste país, sem se vender, é heroico. Mas este romancista teve da parte do público um apoio como têm tido muito poucos escritores brasileiros e sabe que há muita gente no país que o compreendeu e o olha com simpatia e com amor. Desamparado de toda e qualquer ligação de amizade com grupos e forças literárias do país, este romancista foi se apoiar no público que soube compreender que tinha nele um amigo, alguém que queria falar com voz franca e leal. Demais resta a este romancista a alegria de saber que fez o sofrimento e a vida do povo baiano conhecidos de alguns milhares de homens no Brasil e no estrangeiro, fazendo com que muitos corações pulsassem de solidariedade para com o drama dos seus irmãos da Bahia.

Essa série de seis romances sobre a Bahia se baseia apenas no amor que um moço sentiu pelo sofrimento, pela alegria, pela vida da gente da sua terra. Foram livros escritos senão com talento e capacidade literária pelo menos com um desejo de absoluta compreensão.

Dedico esses seis “Romances da Bahia” a João Amado de Faria, meu pai, em sinal de amor e grande reconhecimento. A ele que foi um destes sergipanos que meninos vieram construir na Bahia um país, varador de sertões, abridor de estradas, levantador de cidades, a ele pelos seus 40 anos de trabalho diário nas terras da Bahia, pela força de heroísmo e de poesia da sua vida, a ele construtor do país da Bahia, essa lembrança do seu filho baiano.

Cidade do México (Republica Mexicana), Junho de 37



A Sergio Milliet, em  
cujo espírito real-  
mente superior con-  
centro toda a afei-  
ção que nutro

Desolação  
velos intelectuais  
paulistas.

Jméri Mark. sb.

S. Paulo

1945.